

## **Melanie Klein**

(1882 - 1960)

A autobiografia de Melanie Klein, em poder do Melanie Klein Trust, é inédita. Entretanto, em 1983, um precioso acervo de dados a respeito da importante psicanalista foi obtido a partir de uma coletânea de cartas de família descoberta no sótão da casa de seu filho mais novo, Erich. Coube a seus biógrafos a constatação de que o conteúdo de tais cartas conflita com a autobiografia que, segundo Melanie, seria sua história oficial. Enquanto apenas uma carta de seu marido subsiste, a maioria das escritas por sua mãe e seu irmão parecem ter sido conservadas. Destas, mãe e irmão emergem como pessoas muito diferentes daquelas descritas por Melanie Klein.

Melanie Klein nasceu em Viena em 30 de março de 1882, filha de Moritz Reizes e Libussa Deutch. Moritz Reizes era um judeu polonês nascido em Lemberg (hoje Lvov), na Galícia. Por muitos anos foi um estudioso do Talmude, mas provavelmente influenciado pelo Haskalah, um movimento de emancipação judaica, rompeu com a ortodoxia religiosa e formou-se em medicina. Culto, fluente em vários idiomas, nunca conseguiu sucesso em sua carreira em virtude primeiro de ser judeu e, também, de origem polonesa, o que significava pertencer a uma classe desfavorecida dentro da hierarquia social judaica. Moritz foi casado duas vezes. O primeiro casamento foi desfeito quando ele contava 37 anos de idade. Aos 45 conheceu e casou-se com Libussa, também judia, de origem eslovaca, 24 anos mais moça que ele, descrita por Melanie em sua autobiografia como uma jovem culta, espirituosa e interessante. Depois do casamento, o casal estabeleceu-se em Deutsch-Kreutz, Áustria. Em algum momento no período entre o nascimento das duas últimas filhas, a família mudou-se para Viena, na esperança de melhorar sua difícil situação financeira. Em Viena, o Dr. Reizes trabalhou como assistente de um dentista e, para complementar sua renda, como consultor médico de um teatro de variedades.

O casal teve quatro filhos: Emilie (1876), Emanuel (1877), Sidonie (1878) e Melanie Reizes. Dentro da família, Emilie era a predileta do pai, Sidonie a mais bonita e Emanuel uma espécie de gênio. E embora a mãe tivesse em Melanie sua filha preferida, confessou-lhe que ela não fora desejada. Libussa amamentou os três primeiros filhos, mas Melanie teve uma ama-de-leite que, segundo ela, “me amamentava a qualquer hora que eu pedisse”. Ainda segundo Melanie Klein em sua autobiografia, “nessa época, Trub King ainda não fizera sua obra devastadora”, referindo-se ao pediatra neozelandês que defendia um regime alimentar severo para os bebês. Com relação ao pai ela diz: “Não me lembro de alguma vez ele ter brincado comigo. Doía-me pensar que meu pai era capaz de afirmar com toda franqueza e sem consideração por meus sentimentos que preferia minha irmã mais velha, sua primogênita.” Desde cedo Melanie exibiu uma notável autoconfiança. Na velhice dizia às pessoas que “não

era tímida em absoluto” e, de fato, nunca se deixara passar despercebida durante toda a sua tumultuada e importante vida.

Melanie Klein sentia grande atração pela atmosfera cultural da família de sua mãe, filha de um rabino. Tanto o pai quanto o avô de Libussa eram muito respeitados tanto por seu saber quanto por sua tolerância. Melanie herdou da família a vontade de aprender e logo se tornou uma estudante ambiciosa, consciente de suas notas. Sonhava em estudar medicina e especializar-se em psiquiatria, o que nunca se realizou em virtude da situação financeira da família, agravada com a morte do pai em 1900. Ela chegou a estudar arte e história na Universidade de Viena, mas não chegou a graduar-se. O irmão Emmanuel foi seu grande mentor intelectual. Ele iniciou o curso de medicina que abandonou para se dedicar às artes. Era muito doente, portador de cardiopatia conseqüente a doença reumática, tuberculose e depressão. No final da vida tornou-se viciado em drogas. Emmanuel tinha para com suas irmãs um relacionamento com matizes incestuosos e, para com a família em geral, um vínculo marcado pelo êxito em provocar culpa e vitimizar-se. Para Melanie, ele teria sido um pai substituto, um companheiro íntimo e um amante imaginário e ninguém em sua vida jamais conseguiu substituí-lo. No período compreendido entre 1887 e 1902, Melanie Klein sofreu grandes perdas: a irmã Sidonie, em 1887, de tuberculose; o pai, em 1900, de pneumonia; o irmão Emmanuel, em 1902, de cardiopatia.

Em 1903, logo após completar 21 anos, ela casou-se com Arthur Steven Klein, engenheiro químico de caráter sombrio e tirânico de quem estava noiva desde 1899. Arthur era seu primo em segundo grau por parte de mãe e amigo de Emmanuel. Sua família residia em Rosemberg, na parte eslovaca da Hungria. Nada se sabe sobre a cerimônia. Em um texto intitulado “Chamado de Vida”, que seus biógrafos consideram autobiográfico, Melanie Klein escreve sobre o choque vivido por uma moça, Anna, na noite de núpcias: “E, portanto, tem de ser assim, a maternidade tem que começar com repugnância?” O casal passou a lua-de-mel em Zurique e se estabeleceu na cidade do noivo. Dois meses depois do casamento, Melanie descobriu que estava grávida e em 19 e janeiro de 1904 nasceu a primeira filha, Melitta. Melanie teria dito que estava gostando de ser mãe, mas sua autobiografia contém o seguinte trecho: “Lancei-me o máximo que pude no papel de mãe e no cuidado de minha filha. Sabia o tempo todo que não estava feliz, mas não havia saída”. Em 2 de março de 1907 nasceu Hans, o segundo filho, cuja gravidez foi marcada por um estado de profunda depressão. Em 1908 os Klein mudaram-se de Rosemberg para Krappitz; no ano seguinte para Hermanetz e em 1910 para Budapeste, o que possibilitou a convivência de Melanie com a parte da família do marido estabelecida naquela cidade, com a qual manteria uma sólida ligação afetiva.

Durante a infância dos filhos, Melanie Klein teve vários episódios de depressão e se afastou da família por longos períodos, para viagens de repouso ou para internação em clínicas especializadas. Durante tais ausências, sua casa e família ficavam a cargo de sua mãe, que se colocava em sua vida de forma intrusiva e autoritária. A mãe a via e fazia com que ela própria se visse como uma pessoa doente, neurastênica e incapaz. Mãe e filha mantinham entre si um relacionamento estreito e afetivo, porém marcado por atitudes e sentimentos ambivalentes: amor e ódio, apoio e intrusão, liberdade e controle, dependência e autonomia.

O ano de 1914 foi marcado por grandes acontecimentos na vida de Melanie Klein. Em 1º de julho nasceu seu último filho, Erich Klein. Em 6 de novembro morreu sua mãe, Libussa. Além disso, aos 32 anos de idade ela encontrou-se com a psicanálise: leu o texto "Sobre os Sonhos", de Sigmund Freud, e provavelmente iniciou sua análise com Sandor Ferenczi, buscando livrar-se da depressão. Para Melanie Klein, antes de se tornar uma profissão ou um interesse intelectual, a psicanálise foi uma experiência de crescimento e um caminho de cura pessoal.

O ano de 1918 foi importante para o início da carreira de psicanalista. Foi realizado em Budapeste o 5º Congresso Internacional de Psicanálise e Sandor Ferenczi foi escolhido para a presidência. Durante o Congresso, encantada, Klein ouviu Freud ler "Linhas de Avanço em Terapia Psicanalítica". Já no ano seguinte, em julho, ela apresentou à Sociedade Húngara de Psicanálise seu primeiro artigo, "Der Familienroman in statu nascendi", relato da análise de uma criança, depois do qual foi admitida como membro. O aspecto insólito do artigo era que descrevia a análise de Erich, seu último filho, cuja identidade foi encoberta nas versões posteriores. O objetivo era mostrar os resultados obtidos quando uma mãe cria o filho de acordo com conceitos psicanalíticos esclarecidos. A Sociedade de Psicanálise de Budapeste, considerada por Freud o principal centro de psicanálise da época, seria dizimada pouco tempo depois por razões políticas. A queda do Império Austro-Húngaro foi seguida por um regime comunista de duração breve que, por sua vez, deu lugar a um regime branco, o Terror Branco, francamente anti-semita, o que teve como consequência a expulsão dos psicanalistas judeus da Sociedade e sua dissolução. Assim, em 1919, Melanie Klein saiu de Budapeste com os filhos para estabelecer-se por um curto período em Rosemberg com os sogros. Seu marido, do qual se divorciaria em 1923, mudou-se por razões profissionais para a Suécia, onde permaneceu até 1937, novamente casado e depois divorciado. Morreu na Suíça em 1939.

Em 1921, Melanie Klein mudou-se para Berlim, também um importante centro tanto de atividade como de formação psicanalítica. Em 1922, aos 40 anos, tornou-se membro associado da Sociedade Psicanalítica daquela cidade. Em 1924, iniciou sua segunda análise, com Karl Abraham, como Ferenczi, um destacado discípulo de Freud. A morte precoce de Abraham (1925) privaria Melanie de seu analista e protetor, encorajando seus detratores a se declararem abertamente, mostrando desprezo pela ascendência polonesa, ênfase na falta de estudos universitários e ironia perante uma mulher que se pretendia mestra e, além disso, analista de crianças. Sem Abraham, ela ficaria exposta às críticas dos membros mais conservadores da Sociedade de Berlim, contrários, sobretudo, às suas idéias relativas ao atendimento de crianças, originais e ousadas. Tais idéias contrariavam o pensamento de Sigmund Freud e de sua filha Anna, a qual também se dedicava à psicanálise infantil. Enquanto Anna via a psicanálise numa perspectiva pedagógica, Melanie Klein mostrava-se determinada a explorar o inconsciente infantil. Para isso, introduziu uma modificação técnica essencial, substituindo a palavra pelo brincar, garantindo a maior proximidade possível entre a psicanálise de adultos e de crianças. Na época, o assassinato de Hermine von Hug-Hellmuth, por um sobrinho que havia sido seu paciente, também serviu para reforçar a oposição à psicanálise de crianças.

Numa postura diferente da adotada pelos alemães, os ingleses receberam a proposta de trabalho de Melanie Klein com respeito,

curiosidade e entusiasmo. Ainda no ano de 1925, avisado de suas qualidades por James Strachey, o célebre tradutor e editor de texto da Standard Edition das Obras de Freud e um dos animadores do famoso grupo londrino de Bloomsbury, Ernest Jones a convidou a proferir palestras em Londres. Para essa cidade mudou-se no ano seguinte e ali viveu até o fim de sua vida, desenvolveu-se plenamente no âmbito profissional e fundou uma escola frutífera até os dias atuais. Em 1927, tornou-se membro da Sociedade Psicanalítica Britânica.

Em 1932, Melanie Klein publicou seu primeiro livro, a coletânea “A Psicanálise de Crianças”, ao qual fará referências ao longo de toda a sua obra. Mas, no âmbito afetivo, a década de 30 lhe traria duas experiências devastadoras: a morte de seu segundo filho, Hans, ao escalar uma montanha, e a deterioração definitiva de seu relacionamento com a primogênita Melitta, que se tornara analista e também ingressara na Sociedade Britânica. Na elaboração da perda de Hans, Melanie Klein escreveu o texto “Uma contribuição para a psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos” (1935). Em 1940, publicou “O Luto e suas Relações com os Estados Maníaco-depressivos”.

A mudança da família Freud de Viena para Londres, no final dos anos 30, em virtude da Segunda Grande Guerra, faria com que a Sociedade Britânica se dividisse ideologicamente em dois grandes grupos: o dos adeptos de Melanie Klein, que tinha à frente Susan Isaacs, Paula Heimann e Joan Rivière, e o dos adeptos do freudismo clássico, entre os quais figurava Melitta. Um terceiro grupo, composto por analistas independentes, não alinhados com nenhum dos dois anteriores, se formaria depois, num período marcado pela polêmica. Apesar da contundência dos debates, Klein e seu grupo permaneceram na Sociedade Britânica e na Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Não foram expulsos, como viria a acontecer com Lacan na década seguinte, nem abriram uma dissidência contra Freud, como haviam feito Adler e Jung anteriormente.

Na verdade, a escola kleiniana expandiu conceitos freudianos e, em meio à turbulência da época, definiu um período de produção teórica exuberante. A década de 30 ficaria marcada pelo conceito de posição depressiva e a de 40 pela posição esquizoparanóide. Em 1946, Melanie Klein publicou um de seus textos mais importantes: “Notas sobre os Mecanismos Esquizóides”. No início da década seguinte o grupo kleiniano lançou o livro “Desenvolvimentos em Psicanálise”. Em 1957, Melanie Klein publicou “Inveja e Gratidão”, seu último livro com grandes novidades teóricas. O texto “Narrativa da Análise de uma Criança, no qual Melanie Klein trabalhou até poucos dias antes de sua morte, em 22 de setembro de 1960, seria editado logo em seguida.

Ao longo de sua obra, Melanie Klein formulou uma teoria que possibilitou a compreensão da vida mental primitiva e abriu novos horizontes dentro do campo da psicanálise. Para Julia Kristeva, que dedicou à psicanalista o segundo volume da coleção “O Gênio Feminino”, a clínica da infância, da psicose e do autismo, em que predominam nomes como Bion, Winnicott e Frances Tustin, seria inconcebível sem a inovação kleiniana. Melanie Klein seria em seu entender a refundadora mais ousada da psicanálise moderna. Segundo Luís Cláudio Figueiredo e Elisa Maria de Ulhôa Cintra, “se perguntássemos aos estudiosos da área qual teria sido, depois de Freud (1856-1939) e ultrapassando-o, o autor que mais contribuiu para

que se compreenda o funcionamento psíquico inconsciente, não haveria dúvida: Melanie Klein, seguida de seus discípulos Wilfred Bion (1897-1979) e Donald Winnicott (1896-1971). A estranheza das formações do inconsciente e das primeiras experiências desafia todas as medidas de bom senso. Melanie Klein ensinou a por de lado a razão e o senso de medida para compreender o caráter autônomo e demoníaco das fantasias inconscientes e angústias.”

### **Referências Bibliográficas**

Figueiredo, L. C.; Cintra, E. M. U. Melanie Klein. Estilo e Pensamento. São Paulo: Escuta, 2004.

Figueiredo, L. C.; Cintra, E. M. U. Melanie Klein. São Paulo: Publifolha, 2008.

Grosskurth P. O Mundo e a Obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

Kristeva, J. O Gênio Feminino. A vida, a loucura, as palavras. Rio de Janeiro: Ed. Rocco Ltda, 2002.

<http://psicanalisekleiniana.vilabol.uol.com.br/biografia.html>

Resenha elaborada por Regina Trindade, psicanalista em formação pelo Instituto Virgínia Leone Bicudo, da Sociedade de Psicanálise de Brasília.